

OS MONGES IRLANDESES E A PROPAGAÇÃO DO CRISTIANISMO NA EUROPA: EVANGELIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO CULTURAL

IRISH MONKS AND THE SPREAD OF CHRISTIANITY IN EUROPE: EVANGELIZATION AND CULTURAL APPRECIATION

Moises Alves¹

RESUMO: Neste artigo, propomos analisar o surgimento do cristianismo na Irlanda e sua relevância na formação espiritual e cultural dos monges missionários dos séculos VI e VII. Abordaremos as vidas dos missionários Patrício e Columba e suas influências principais no cristianismo e da cultura monástica irlandesa da época, destacando a valorização da vida monástica, o fervor missionário e o incentivo à instrução cultural. Assim, identificaremos a riqueza cultural e missionária desempenhada pelos monges irlandeses como parte de suas contribuições ao cristianismo latino.

PALAVRAS-CHAVES: cultura, evangelização, espiritualidade cristã, Irlanda e monges.

¹ Graduado em filosofia no Centro Universitário Assunção de São Paulo (UNIFAI). Especialização em Teologia e interpretação bíblica pela Faculdade Batista de Batista do Paraná (FABAPAR). Mestre em filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutorando em filosofia na Universidade de São Paulo (USP).

ABSTRACT: In this article, we propose to analyze the emergence of Christianity in Ireland and its relevance in the spiritual and cultural formation of the missionary monks of the sixth and seventh centuries. We will look at the lives of the missionaries Patrick and Columba and their main influences on Christianity and Irish monastic culture at the time, highlighting the value placed on monastic life, missionary fervor and the encouragement of cultural instruction. In this way, we will identify the cultural and missionary richness carried out by the Irish monks as part of their contributions to Latin Christianity.

KEYWORDS: culture, evangelization, Christian spirituality, Ireland and monks.

INTRODUÇÃO

Entre a morte de Santo Agostinho em 430 e a ascensão de Carlos Magno coroado como imperador do Sacro Império Romano-Germânico em 800, um período de mais de duzentos anos se passou na Europa ocidental. Esses séculos foram marcados por intensos conflitos e transformações. No final do século V, os bárbaros² já haviam conquistado a maior parte das terras que um dia pertenceram ao Império Romano. Os Francos e Burgulhões dominaram a Gália, os Anglos

² Os povos chamados de "bárbaros" eram conhecidos por possuírem culturas bastante distintas da dos romanos, habitando territórios fora do domínio romano e falando línguas diferentes do latim. Embora o termo "bárbaro" tenha adquirido conotação negativa e pejorativa, neste artigo continuaremos a utilizá-lo, mas com o significado de "aqueles que não compartilhavam da cultura greco-romana".

e Saxões avançaram sobre a Bretanha, os visigodos estabeleceram-se na Espanha, os Ostrogodos na Península Itálica, e uma disputa sangrenta entre Vândalos e Visigodos resultou na tomada da Espanha pelos últimos. Os Vândalos, por sua vez, estenderam seu domínio pela maior parte da África do Norte. Foi um período tumultuado e repleto de reviravoltas que moldou profundamente o cenário político e social da época.

Após a queda do Império Romano na data tradicionalmente indicada, em 476, uma era de caos se instalou, onde a anarquia militar reinava e as cidades não tinham mais proteção suficiente. Os costumes e virtudes cívicas foram relaxados, levando à fragmentação do poder. Nesse cenário de crise social e política, a única instituição que se manteve firme foi a Igreja. Ela soube se adaptar aos novos invasores e desempenhou com competência o papel de mediadora entre o Império Bizantino cristão, ainda vigoroso em Constantinopla, e as populações bárbaras³.

Em meio a um cenário de mudanças e incertezas, o papa Leão Magno I se destacou ao defender a supremacia do bispo de Roma, especialmente após o ano de 451, quando os bispos reunidos no Concílio de Calcedônia decidiram que a cidade de Constantinopla deveria ser considerada a segunda em importância, logo abaixo de Roma. Devido à primazia da Santa Sé, o pontífice exortou os cristãos a reconhecerem os governantes bárbaros e solicitou aos invasores que poupassem os edifícios, embora alguns vândalos tenham ignorado esse pedido.

Por outro lado, a verdade é que os bárbaros não se dedicaram à prática da escrita como forma de registrar informações importantes sobre administração, organização territorial e agricultura. “Aos olhos dos bárbaros”, conforme afirma Paul Johnson,

³ Para melhor compreender as razões com que a Igreja não foi sucumbida juntamente com o Império Romano, ver: GIBBON, Edward. *Os cristãos e a queda de Roma*. Trad. José Paulo Paes e Donaldson. 1ª edição. São Paulo: Penguim Classics Companhia das Letras, 2012.

“os clérigos eram fazendeiros modernos, que mantinham uma contabilidade, planejavam o futuro e investiam” (2023, p. 236). Além disso, a Igreja contava com uma vasta documentação de escrituras, tanto que, quando os representantes cristãos foram recebidos nas cortes francas, “insistiu que a terra que lhe fosse entregue para igrejas e afins fossem transmitidas em posse perpétua, a transação, concretizada no tipo de acordo por escrito” (2023, p. 236). Nas sociedades bárbaras não havia nada parecido com isso. É exatamente a Igreja que se ergue como uma força incansável, determinada a reorganizar a sociedade europeia e a oferecer suporte aos novos reis bárbaros na governança da terra e da sociedade.

Além destas contribuições político-administrativas que a Igreja possuía e que foram uteis para os bárbaros, não esqueçamos que “ela”, como apontam Michael Collins e Matthew A. Price, “assumiu a tarefa de catequizar as tribos invasoras, algumas das quais tinham se convertido ao arianismo ou eram pagãs” (2000, p. 72). O movimento da Igreja em direção à evangelização dos povos bárbaros revelou-se como uma estratégia interessante para fortalecer sua influência. Mesmo que alguns reis bárbaros tenham se “envolvidos” com cristianismo por motivos puramente políticos e econômicos, a evangelização desses soberanos teve um impacto significativo. Ao cederem terras aos bispos, abades e abadessas para a construção de dioceses e mosteiros, esses monarcas contribuíram para o crescimento da autoridade e do poder desses líderes religiosos, que passaram a desfrutar de grande prestígio.

Contudo, entre os séculos V ao VII, Europa latina novamente se viu diante de outros desafios. Acontece que embora a Igreja havia se adaptado aos novos contextos e conseguiu se destacar na contribuição no processo de “reorganização” da Europa, dois aspectos importantes dessa época desafiadora não podem ser ignorados.

Primeiro, na medida em que os clérigos adentravam no cenário político-administrativo, não tardaram em se tornar grandes proprietários de terras, alinhando-se ao sistema feudal vigente. Em meio a uma população majoritariamente rural, o alto clero em algumas regiões assumia mais a postura de senhores feudais que de homens piedosos. Muitos deles se submetiam ao tributo do sistema feudal, de tal forma que o historiador eclesiástico Ney de Souza afirma que:

Os bispados e as abadias passaram a integrar perfeitamente na estrutura rural da sociedade. [...]. É o processo de feudalização da Igreja, responsável por enormes prejuízos à instituição religiosa: o principal, desviar de seu autêntico serviço e missão, o profetismo (2020, p. 91).

Segundo, com a chegada das invasões dos povos bárbaros, infelizmente se testemunhou um declínio da cultura e das letras em algumas regiões da Europa latina⁴. Os preciosos avanços nas áreas da literatura, filosofia e tecnologia da cultura clássica foram perdidos ou simplesmente ignorados durante esse período turbulento. As instituições educacionais e artísticas romanas sofreram um declínio significativo, resultando na triste perda de muitos dos avanços culturais e artísticos que caracterizavam a civilização greco-romana. Um exemplo marcante desse declínio civilizacional pode ser encontrado na Gália do século VI, conforme relatado por Gregório de Tours († 593) no prefácio de sua obra *História Eclesiástica dos Francos*:

⁴ Sugerimos “partes” da Europa latina porque, a “barbarização” foi mais rápida entre os Francos, Saxões ou os Lobardos. Isso porque, é possível encontrar o cultivo da cultura clássica ainda muito viva na Espanha visigótica e na Itália dos Ostrogodos.

Extinguiu-se a cultura das letras, ou melhor, definhando nas cidades das Gálias, enquanto o bem e o mal igualmente aí se acometiam [...], não se podia encontrar um único gramático conhecedor da dialética para escrever estas coisas, quer em prosa, quer em verso, e carpindo-se disto muitas vezes a maioria dizendo: “Desgraçado seja o nosso tempo, pois o estudo das letras pereceu entre nós e já não se encontra ninguém possa traduzir por escrito os acontecimentos presentes”⁵.

Sobre este segundo aspecto, é importante sublinhar que embora Gregório de Tours mencione as regiões da Gália, outras regiões principalmente do que hoje é a Itália, os mosteiros⁶ de Monte Cassino⁷ e Vivarium,⁸ foram verdadeiros guardiões da cultura clássica e da transmissão dos ensinamentos dos Pais da Igreja.

⁵ *Sancti Georgii Florentii Gregorii, Episcopi Turonensis, Historiae Ecclesasticae Francorum*, lib. I, com tradução francesa e revisão de J. Guadet e Taranne, ed. Société de l’Histoire de France, Paris, 1836, t. I, p. 3. In: ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Editora Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1972.

⁶ Etimologicamente, as palavras mosteiro (*monasterion*) e monge (*monachós*) são formadas pelo mesmo radical grego nomos, que significa “só, solitário”.

⁷ O mosteiro de Monte Cassino é uma das abadias mais antigas da Europa. Este incrível mosteiro foi fundado por S. Bento em 529 e serviu como um lembrete para moradores e viajantes sobre o poder ou a oração. Situado no topo do monte homônimo, a 80 km a leste de Nápoles, na Itália, hoje milhares de peregrinos religiosos chegam ao mosteiro onde participam de cerimônias sagradas, percorrem os claustros e absorvem a beleza dos mosaicos dourados da abadia. Um museu no local exibe pinturas, manuscritos e textos históricos, bem como a história da abadia contada por meio de imagens.

⁸ Este mosteiro foi fundado por Cassiodoro no ano 555 d.C. Situado perto de Squillace, na Calábria. O Mosteiro de Vivarium, desempenhou um papel significativo na preservação e transmissão do conhecimento durante a Idade Média. Cassiodoro, estabeleceu o mosteiro como um centro de aprendizado e preservação de textos clássicos e cristãos.

Outrossim, com relação ao Monte Cassino, não se pode ignorar que seu fundador, S. Bento († 547) que com a sua *Regra* se tornou um referencial importante para toda a tradição monástica medieval.⁹ Contudo estes mosteiros foram uma exceção, como dito, em geral a Europa latina vivia um declínio moral e cultural.¹⁰

Apesar do declínio da cultura das letras na Europa Latina, a Igreja, com seus monges missionários, se tornou fundamental para manter a chama da evangelização acesa. O primeiro processo de evangelização foi realizado entre os povos bárbaros espalhados pela Europa, com destaque para a Bretanha¹¹. Foi lá que Agostinho de Cantuária se destacou como missionário, iniciando suas atividades em 597 entre os anglos e saxões no sul. Sua missão na região que viria a ser o Reino de Kent obteve sucesso na conversão do rei Etelberto e de muitos de seus súditos.

Não obstante, entre todas as regiões conquistadas e colonizadas pelo Império Romano, e posteriormente evangelizadas

⁹ A Regra de S. Bento está disponível em português: SÃO BENTO. *A Regra de São Bento*. latim-português. Notas e trad. D. João Evangelista Enout. 3 ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.

¹⁰ Igualmente, não se pode ignorar a importância de personalidades como Severino Boécio († 524), Isidoro de Sevilha († 636), Beda, o Venerável († 735) e outros que contribuíram de forma extraordinária na transmissão e interpretação da cultura clássica e dos Pais da Igreja à Idade Média.

¹¹ A Bretanha, também conhecida na Primeira Idade Média como Britânia, era o nome dado pelos romanos à ilha que hoje compreende a Grã-Bretanha, que inclui as nações modernas da Inglaterra, Escócia e País de Gales. Durante o período romano, a Britânia foi uma província do Império Romano, estendendo-se desde o sul da Escócia até as fronteiras com a Gália (atual França). Após a retirada das legiões romanas da Britânia no início do século V, a região foi gradualmente invadida por povos germânicos e escandinavos, resultando na formação dos reinos anglo-saxões e na posterior unificação do que viria a ser a Inglaterra.

por missionários cristãos, a ilha da Irlanda se destacava por nunca ter sido alvo de campanhas das legiões romanas. Até o século V, poucos missionários haviam deixado marcas profundas por lá¹². Foi a primeira vez na história em que o cristianismo encontrou um povo que nunca havia sido conquistado.

É neste contexto de fervor missionário cristão que a Irlanda foi banhada pela luz do evangelho. O cristianismo floresceu em suas terras, como observado com perspicácia por Anna Rapetti, de maneira que “foi um dos fenômenos religiosos mais incisivos de todo o início da Idade Média, caracterizando por um compromisso missionário totalmente original” (2013, p. 48). Já no século VI, a Ilha da Irlanda viu-se surgir diversas comunidades monásticas que se tornaram verdadeiros centros de formação de missionários e monges eruditos.

Para entendermos a expansão do cristianismo na Irlanda nos séculos VI e VII e como este local se tornou um celeiro de missionários e eruditos nas Sagradas Escrituras, é importante destacarmos duas figuras: os monges missionários Patrício e Columba († 615). Estes foram, como veremos mais adiante, os primeiros que desbravaram os territórios irlandeses com intento de propagar a evangelho de Cristo. Sendo assim, iniciaremos por eles.

¹² Há muita confusão em relação a missão de Paládios. De acordo com relatos posteriores, ele foi precursor malsucedido de Patrício. As evidências contemporâneas são extremamente escassas, mas alguns defendem que Paládio de Roma, foi enviado pelo Papa Celestino em 431 como o primeiro missionário à Irlanda. Para mais informações sobre este problema, ver: BURY, J. B. St. Patrick: *The life and legacy*. Editora DigiCat. Ebook, 2022. Obra que também será citada no corpo deste artigo.

I. PATRÍCIO, DE ESCRAVO À MISSIONÁRIO DA IRLANDA

Não é uma tarefa fácil apresentar a biografia de Patrício¹³, em virtude de que a sua obra *Cofission* (Confissão) é repleta de lendas e visões mirabolantes. Mas o que se pode dizer de verdadeiro sobre ele é que era natural da Bretanha e foi levado como escravo para a ilha da Irlanda. Segundo a informação compartilhada por Johnson, “a Irlanda tinha contatos comerciais com o Vale do Loire, enviando calçados em troca de vinho e óleo” (2023, p. 243), isso nos leva a cogitar que havia também vinculada e essas trocas comerciais, o comércio de escravos.

Como escravo Patrício teve que aprender um novo ofício, o de pastor de ovelhas.¹⁴ Segundo o que nos aponta Thomas Cahill:

A vida de um pastor escravo não pode ter sido das melhores. Arrancado da civilização, Patrício tinha, como protetor, um homem que não valorizava sequer a própria vida, quanto mais de terceiros. Esses pastores trabalhavam em extremos isolamento, passando meses a fio sozinhos nas montanhas. Se, for o caso, tentassem estabelecer contatos, as consequências poderiam ser desastrosas (1999, p. 118).

É muito provável que Patrício tenha aprendido o idioma irlandês, dado que o tempo que ficou como prisioneiro (cerca de 6 ou 7 anos) lhe serviu também para aprender o idioma local, que mais tarde lhe seria muito útil. O aprisionamento de Patrício

¹³ Acredita-se que Patrício tenha morrido em algum momento entre 463 e 493.

¹⁴ Cf. *The Confession of St. Patrick and Letter to Coroticus*. Cap. 16. Indicarei na bibliografia de artigo as informações gerais desta obra.

não afixou a sua esperança de voltar a se tornar livre e regressar a sua terra natal. Logo, ele conseguiu escapar. Segundo seus relatos, uma voz que ele mesmo interpretou como sendo de Deus, o falou em um sonho, instruindo-o a deixar a Irlanda¹⁵. Para seguir essa orientação divina, Patrício percorreu cerca de 320 quilômetros do condado de Mayo, onde se acredita que ele estava detido, até a costa irlandesa, e então fugiu para a Bretanha.

Após três dias de navegação, Patrício finalmente chegou em terra firme e retornou à sua cidade natal. Decidiu então iniciar seus estudos, frequentando a escola e recebendo a devida instrução. Com o passar dos anos, foi ordenado diácono pelo bispo Germano de Auxerre e, aos 43 anos, foi consagrado bispo em Turim por S. João Máximo.

Em um momento de profunda reflexão, Patrício ouviu uma voz misteriosa que o instruiu a retornar à Irlanda, não mais como escravo, mas como um homem livre e pronto para pregar as boas novas do Reino de Deus. Esse chamado divino despertou em Patrício um novo propósito de vida e uma missão nobre a cumprir.

Agora, conhecendo a cultura e o idioma do povo irlandês, Patrício regressa com determinação para concretizar seu tão almejado objetivo. Entretanto, a missão não se mostrou fácil, enfrentando inicialmente considerável resistência por parte dos nativos, que mantinham sua fidelidade às divindades e tradições. Munido de uma estratégia missionária perspicaz, Patrício obteve êxito ao direcionar seus esforços inicialmente para a evangelização dos líderes das aldeias, dos senhores de terra e do próprio rei. Com efeito, de forma estratégica e perspicaz, o missionário percebeu que ao conquistar a confiança do líder de uma aldeia, poderia impactar positivamente toda a comunidade. Dessa forma, o processo

¹⁵ Cf. *The Confession of St. Patrick and Letter to Coroticus*. Cap. 17

de “conversão” que poderia levar meses ou anos, poderia ser acelerado de maneira surpreendente.

Ao desembarcar em Tara, a cidade que se podia chamar de capital da Irlanda naquela época, o rei e seus chefes tribais foram surpreendidos ao se converterem à nova fé. Mesmo enfrentando resistência dos duistas, especialmente em relação aos ensinamentos escritos, algo completamente diferente do que estavam acostumados, a determinação e sagacidade de Patrício foram cruciais para disseminar o evangelho naquela terra.

Embora ainda houvesse muitos territórios a serem percorridos na Irlanda, os locais que já haviam sido evangelizados por Patrício, tornaram-se os alicerces para uma nova etapa de sua missão. Nesse segundo momento, o missionário se dedicou à construção de igrejas e mosteiros, além de formar monges que seriam a base da propagação da fé naquelas terras, como bem destaca Bury, “dentro do reino imediato de Loigaire, não foram poucas igrejas que afirmaram ter sido fundada por Patrício, uma ou duas delas nas vizinhanças da colina real” (2022, p. 104).

Na época em que as Igrejas e mosteiros foram construídos na Irlanda, não existiam cidades, apenas vilas. Curiosamente, os abades desses locais geralmente pertenciam à família do chefe da vila. Como também, não se pode afirmar que as Igrejas e mosteiros irlandeses nesta segunda fase da missão de Patrício pode ser comparada as Igrejas e mosteiros da Europa latina, inicialmente as Igrejas e mosteiros irlandeses consistiam simplesmente em cabanas de madeira, construídas pelos próprios monges.

Patrício também deu início a uma atividade que deixaria uma marca profunda na história do cristianismo na Irlanda: a educação dos primeiros monges irlandeses. Como já mencionado, os irlandeses não foram colonizados pelo Império Romano, o que significa que não tinham conhecimento da língua latina

e não haviam desenvolvido uma cultura de escrita. Por isso, os irlandeses mantiveram viva a civilização celta da Idade do Ferro por séculos, mesmo após seu desaparecimento em outras regiões da Europa. Assim, o trabalho de Patrício foi árduo, pois além de estabelecer Igrejas e monastérios, ele também precisou organizar a instrução dos novos monges.

Segundo Cahill, “[...] a dádiva de Patrício aos irlandeses foi seu cristianismo” (1999, p. 166). E o que isso nos revela? Patrício era um verdadeiro especialista na cultura irlandesa, fruto de muitos anos vividos naquela região. Ele compreendia profundamente que a cultura celta era intrínseca à vida dos irlandeses e, com maestria, soube não apenas respeitar, mas enriquecer essa cultura. Ele não buscou impor-se aos nativos, mas sim oferecer-lhes um complemento que ele considerava digno. Além do evangelho, presenteou os irlandeses a riqueza cultural que o acompanhava. Essa riqueza incluía a educação, o desenvolvimento da escrita, da leitura, a explanação das Escrituras e os comentários dos Pais da Igreja. Portanto, reiteramos que Patrício soube, de forma genial, introduzir elementos que enriqueceram a vida dos irlandeses, sem desvalorizar a sua cultura nativa.

Patrício fez fecundar o estudo na Irlanda. Ele entendia, como novamente aponta Cahill, “[...] que, embora o cristianismo não fosse absolutamente inseparável dos costumes romanos, jamais poderia sobreviver sem o letramento romano” (1999, p. 196). Diferente dos tempos de Constantino († 337) em que a conversão de povos pagãos era comumente realizada pela força, através da espada, a missão de Patrício foi completamente diferente. Não houve derramamento de sangue, nenhum mártir irlandês foi criado. A transformação foi baseada na verdade do evangelho e na riqueza cultural que ele trazia consigo. Graças a Patrício, a Irlanda ganhou seus primeiros irlandeses letrados, marcando um novo capítulo na história daquele território.

A forma como as obras dos poetas romanos e dos Pais da Igreja chegaram aos novos cristãos irlandeses ainda permanece um motivo de debates. Porém, considerando o contato comercial entre a Irlanda e a Bretanha, podemos presumir que essas obras tenham sido trazidas de lá. Mas sobre o impacto da formação cultural dos monges irlandeses é um tema que abordaremos mais adiante neste artigo. Por ora, é inegável que esse aspecto da missão de Patrício se destaca como um dos mais significativos na história do cristianismo na Irlanda.

O que desperta ainda mais a nossa atenção é a forma como Patrício introduziu um novo modelo de cristianismo aos irlandeses. Longe da rigidez e intolerância de hierarquias petrificadas, ele trouxe uma abordagem vigorosa, imaginativa e artística. Mais adiante, como veremos, embora o latim tenha sido trazido à Irlanda pela missão de Patrício, o idioma nativo não foi excluído, mantendo-se forte e presente. Os monges irlandeses, como evidência desse fato, não apenas aprenderam a escrever, expandiram seu vocabulário, mas também incorporaram em seus manuscritos não só os ensinamentos dos Pais da Igreja, mas igualmente seus próprios mitos e tradições, garantindo que sua cultura não se perdesse ao longo do tempo. Conforme atesta Katharine Scherman, “[...] herança irlandesa de literatura pagã, a mais extensa que existe, teria afundado a muito tempo ao abismo dos esquecidos, se não fosse pelo apoio inspirado destes monges simpáticos” (1981, p. 100). Essa citação reforça ainda mais a nossa tese de que a abordagem de Patrício na evangelização, ao não excluir certos elementos da cultura celta, foi um dos seus maiores feitos. Em vez de simplesmente destruir, Patrício presenteou os irlandeses com uma ferramenta que perpetuaria sua cultura: a escrita. Este legado de Patrício foi fundamental para preservar a rica história e tradições do povo celta.

Ao morrer, Patrício legou aos habitantes da Irlanda do século VI um verdadeiro exército de monges missionários, inúmeras igrejas e uma miríade de mosteiros, tais como as comunidades de Bangor, Clonfert, Derry, Durrow, Insiscealtra, Terryglass, Lismore, Moyille e Killeedy. Com a construção destes mosteiros, as vilas irlandesas passaram a estabelecer um intercâmbio comercial e cultural com outras localidades. As igrejas, embora simples, proporcionaram aos irlandeses um extraordinário senso de comunidade, o que levou ao desenvolvimento de escolas e à criação de normas escritas. Não é exagero afirmar que a influência de Patrício e do cristianismo na ilha da Irlanda transformou completamente a história daquele povo. Pela primeira vez na história, o cristianismo se reinventou de forma surpreendente.

II. COLUMBA, UM MODELO DE MISSÃO E INSTRUÇÃO

Quando o cristianismo já havia se estabelecido firmemente na terra verde da Irlanda, surgiu um jovem em Gorton, no condado de Donegal, conhecido como Crimthann, que em gaélico significa “lobo”. No entanto, foi sob o nome de Columba¹⁶, nome dado por seus amigos monges, que significa “pomba da Igreja”. Isso porque os amigos de Columba enxergava nele uma presença fortíssima do Espírito Santo e uma extraordinária piedade¹⁷.

¹⁶ A maior parte do que sabemos sobre Columba, vem de uma biografia escrita a duas décadas depois de sua morte, por St. Adamnan, com o título *Vita S. Columbae*. Também é importante que os leitores saibam que este Columba não deve ser confundido com St. Columbano († 615) um monge e missionário irlandês diferente que viveu um pouco mais tarde e acabou na Itália.

¹⁷ Nos Evangelhos o Espírito Santo é representado de várias formas, e uma delas é a pomba, ver no Evangelho de João 1,32-42.

O que tudo indica é que Columba foi um príncipe de nascimento, bisneto de Niall, e um dos herdeiros do trono de Tara, alta realeza do norte da Irlanda. Sobre a educação de Columba, Scherman afirma que:

Foi acolhido por um padre, Cruthneacham, em kilma-crenan, condado de Donegal, próximo de seu local de nascimento [...]. Presumivelmente ele absorveu hauriu bem o conhecimento, pois seu próximo passo foi uma escola renomada, a de Finian de Moville, um erudito abade que recebeu a sua formação da escola de St. Ninniano, em Galloway. Depois foi para as ilhas Aran aprender aos pés de Enda. Finalmente estudou na grande escola de Finniano de Clonard (1981, p. 149).

Inicialmente, nas escolas irlandesas dos séculos VI e VII, e até mesmo posteriormente, os estudantes eram ensinados a língua latina, pois era essencial para a leitura das Escrituras e das obras dos Pais da Igreja. Além disso, os alunos também se dedicavam ao estudo da história da Irlanda, da arte da poesia e até mesmo um pouco de matemática. Mais adiante, quando Columba já havia se entregado a vida religiosa, Johnson declara que ele possuía um “bom conhecimento de latim – havia lido Virgílio, Plínio, Salústio, Horácio, Ovídio e Juvenal, além dos Patriarcas – e até um pouco de grego” (2023, p. 246).

Após concluir seus estudos, Columba retornou à sua terra natal, Donegal, onde seus parentes detinham o controle da fortaleza de pedra de Aileach. Naquela época, seu primo reinava sobre aquelas terras e o concedeu uma colina coberta de carvalhos para que ali pudesse erguer, em 546, seu primeiro mosteiro. Sob a liderança de Columba, em virtude de que, como exemplifica Scherman, pelo fato de ter sido “um gênio prático para organização (1981, p. 148), o mosteiro floresceu e prosperou, tornando-se um centro de grande importância na região.

Contudo, descontente em se limitar apenas à Irlanda, Columba decidiu expandir seus horizontes e desbravar novas terras em busca de novos desafios missionários. Com seus fiéis monges a seu lado, ele embarcou em uma jornada rumo à ilha da Bretanha e, de lá, seguiram para as terras que hoje conhecemos como Escócia.

É interessante observar como a nova missão de Columba o posiciona como o pioneiro missionário irlandês a espalhar o evangelho para além das fronteiras da Irlanda. Essa conquista, como apontado por Leo Carruthers, significou “a partida de volta”, ou seja, “a extensão do monasticismo irlandês para a ilha da Bretanha” (2017, p. 13). Sobre essa que foi uma das missões cristã mais admiráveis da história, o próprio Beda, o Venerável, em sua obra *Historia ecclesiastica gentis Anglorum* (História eclesiástica do povo inglês) quem trouxe à luz a chegada de Columba na ilha. Este importante relato é uma das principais fontes históricas e documentada que nos aproximam do legado de Columba:

No ano de Nosso Senhor 565, quando Justiniano II assumiu o controle do Império Romano depois de Justiniano I, veio da Irlanda para a Grã-Bretanha um sacerdote e abade chamado Columba, um verdadeiro monge por hábito e vida; ele veio a Grã-Bretanha para pregar a palavra de Deus aos reinos dos pictos do norte, que são separados da parte do sul, por suas terras nas montanhas íngremes e espalhadas (Livro III, cap. IV).

Os pictos, mencionados por Beda, era um povo ancestral que habitava as terras da Escócia durante a Primeira Idade Média. Conhecidos por suas habilidades artísticas excepcionais, especialmente na pintura e escultura, receberam o nome de “pictos”, que significa “pintados”. No entanto, mesmo com todo esse talento, ainda precisavam ser introduzidos ao Evangelho, e foi aí que Columba entrou em cena.

Com sua paixão ardente por convencer e converter aqueles que ainda não haviam conhecido a mensagem de Cristo, ele desempenhou um papel fundamental na evangelização desse povo.

Apesar de ter enfrentado inúmeros desafios, a jornada de Columba entre os pictos consumiu toda a sua vida. Contudo, nas belas terras da costa noroeste da Escócia, na ilha de Iona, Columba ergueu um mosteiro que se tornou, nas palavras de Everett Ferguson:

O centro de sua atividade missionária e o centro espiritual, a partir do qual o cristianismo celta conquistou a Escócia e o norte da Inglaterra. De Iona, Aidan partiu para Lindisfarne e promoveu missões no reino da Nortúmbria (635) a convite do seu soberano, Osvaldo (2017, p. 422).

Com o mosteiro erguido em Iona, o padre-monge embarcou em sua missão missionária na região de Dalriada, onde os cristãos celtas necessitavam de uma instrução religiosa mais sólida. A jornada de evangelização de Columba pelas terras do norte da Escócia se estendeu ao longo de três décadas, enfrentando resistência dos druidas pagãos locais. No entanto, sua perseverança e a de seus companheiros resultaram em um notável sucesso na propagação da fé cristã e na criação de uma rede de igrejas e mosteiros.

O mosteiro na ilha de Iona tornou-se o refúgio do sábio monge-sacerdote, atraindo peregrinos em busca de sua sabedoria e poder de intercessão. Mesmo com o avançar da idade, Columba permaneceu conectado à Igreja Irlandesa, realizando diversas viagens de retorno até que sua saúde não mais permitisse. Em seus últimos anos, manteve uma rotina rigorosa de oração, jejum e estudo, demonstrando sua devoção incansável. Depois de dar uma bênção final ao seu mosteiro em 8 de junho de 597, Columba morreu nas primeiras horas do dia seguinte.

Abade missionário e estudioso, Columba deixou uma marca indelével na história do cristianismo, não apenas na Irlanda e Escócia, mas em toda a Europa. Reconhecido como um dos “fundadores” da Europa, ele estabeleceu cinco abadias e sua influência se estendeu para muitos outros mosteiros europeus. Seu fervor pelo trabalho missionário capacitou os monges a levarem o Evangelho a lugares remotos e isolados. Ele valorizava a vida monástica, transformando os mosteiros em centros de prática espiritual e desenvolvimento, combinando de maneira única trabalho manual e espiritualidade, além de promover a formação cultural dos monges.

Uma vez observado a figura de Columba e seus movimentos missionários, a nossa atenção se concentrará no aspecto educacional e cultural dos monges missionários irlandeses. Para esses monges, a conversão de uma pessoa significava muito mais do que simplesmente confessar Cristo. Era também uma oportunidade para adquirir uma base cultural sólida e enriquecedora. Intencionamos explorar esse aspecto de forma mais detalhada neste último tópico.

III. A IMPORTÂNCIA DOS MONGES IRLANDESES NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA ATRAVÉS DA CÓPIA DE MANUSCRITOS

A cultura monástica celta é uma fonte rica de singularidades que merecem ser exploradas. Destaco aqui apenas alguns dos muitos aspectos fascinantes desta cultura. Entretanto, antes de tudo, como já salientamos anteriormente, é importante ressaltar que os mosteiros irlandeses dos séculos VI e VII possuíam características únicas, que os diferenciavam dos mosteiros da Europa latina. Enquanto estes últimos eram mais elaborados e maiores, os mosteiros celtas eram construídos de forma simples, muitas vezes assemelhando-se a cabanas, construídas com o esforço

dos monges que ali habitavam. Por mais singelos que fossem, os mosteiros celtas irradiavam vida, tornando-se verdadeiros centros de comunidade nas vilas onde se instalavam.

Nessa linha de pensamento, os mosteiros eram, para os irlandeses, o epicentro cultural por excelência, o local de onde emanava o conhecimento formal. Assim, os mosteiros não se limitavam apenas a ser um refúgio para os monges, mas também se tornavam um polo educacional para toda a comunidade. As crianças e mesmo aqueles que optavam pela vida religiosa, mas não possuíam habilidades de leitura e escrita, eram acolhidos e tinham à sua disposição o enriquecimento cultural proporcionado pelos mosteiros. Nesse sentido, se em forma de estrutura física os mosteiros irlandeses em nada se pareciam com os mosteiros europeus, por outro lado assemelhavam-se, uma vez que, com o declínio do Império Romano, os mosteiros tornaram-se os únicos locais onde era possível encontrar algum tipo de instrução, visto que era essencial para os monges terem o domínio da leitura para a interpretação das Sagradas Escrituras, o que deu origem às escolas monásticas¹⁸.

Na cultura monástica cristã, a leitura era considerada um pilar essencial para a formação e instrução dos monges. Os monges irlandeses, assim como seus colegas de outras religiões, valorizavam muito o contato com diversas fontes literárias. Para eles, a leitura não era apenas um hábito, mas sim

¹⁸ Embora haja uma vasta seleção de obras excelentes em português que abordam a educação na Idade Média, e em particular, a influência dos mosteiros, gostaria de destacar três obras que servem como introdução ao tema: JAEGER, C. Stephen. *A inveja dos anjos. As escolas catedrais e os ideais sociais na Europa medieval (950 - 1200)*. Trad. Nelson Dias Corrêa. 1ª Ed. Kíron, Campinas-SP, 2019; LUAUAND, Luiz Jean (Org). *Cultura e educação na Idade Média. Textos do século V ao XIII*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013; NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Idade Média*. 2ª. Ed. Kíron, 2018.

uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento espiritual e intelectual. Tanto que, Dom Jean Leclercq, grande conhecedor da cultura do monasticismo latino, declara que, as “três principais fontes literárias da cultura monástica: são elas a Sagrada Escritura, a tradição patrística e a literatura clássica” (2012, p. 87). Não obstante, embora os monges irlandeses preservassem essa tríade é importante não perder de vista que, como salienta, Johnson, “os monges irlandeses não eram heréticos. Todavia, eram heterodoxo” (2023, p. 247). É lícito dizer que mesmo sendo compelidos a estudar latim, essa língua não conseguiu se sobrepor ao irlandês. Surpreendentemente, grande parte das obras em latim, como as Escrituras, os escritos dos Pais da Igreja e algumas literaturas pagãs, eram traduzidas para a língua vernácula.

Diante de todas as informações compartilhadas, surge a seguinte questão: onde e de que forma os monges tinham acesso a essas preciosas fontes literárias? Como essas obras eram disseminadas e divulgadas? A resposta, é que, para um livro alcançar um grande público, ele precisava ser copiado. No mundo antigo e medieval, a única maneira de se fazer uma cópia de um livro era através da escrita manual, palavra por palavra. Um processo demorado e minucioso, porém, não havia outra alternativa, em virtude será apenas no final do século XV que se inventará a imprensa.

Praticamente, em todos os mosteiros medievais havia um *scriptorium*¹⁹, isto é, uma sala em um mosteiro onde monges

¹⁹ No Brasil, ainda falta pesquisa sobre o *scriptorium* em obras literárias. Por isso, vou compartilhar algumas sugestões de leitura em outros idiomas que podem abrir novos horizontes e inspirar futuros pesquisadores: CHARLES, Sara. *The Medieval Scriptorium. Making Books in the Middle Ages*. Reaktion Books, 2024; DEUFFC, Jean-Luc. *Du scriptorium à l'atelier: copistes et enlumineurs dans la conception du livre manuscrit au Moyen Âge*, Turnhout, 2011; OUY, Gilbert. *La Bibliothèque médiévale de l'Abbaye parisienne de Saint-Victor: première partie, les manuscrits catalo-*

copiavam manuscritos à mão. Nessa sala, os monges se dedicavam com fervor à tarefa árdua de copiar manuscritos à mão, em um processo minucioso que exigia paciência e habilidade. Ali, por entre velas acesas e silêncio solene, os monges dedicavam longas horas para escrever e ilustrar livros, preservando assim a riqueza do saber da época.

O *scriptorium* era muito mais do que uma simples sala de cópias, era um verdadeiro centro de produção intelectual e cultural. Ali, os monges se empenhavam em copiar e preservar os textos mais importantes da antiguidade, em uma missão sagrada de manter viva a chama do conhecimento. Era nesse ambiente essencial que se dava a transmissão do saber e da cultura, garantindo que o legado da Idade Média fosse preservado para as gerações futuras.

É evidente que o *scriptorium* se tornou um recurso indispensável para a construção e preservação das bibliotecas nos mosteiros medievais. Uma das estratégias mais utilizadas para enriquecer essas bibliotecas era a troca de manuscritos para serem copiados. Os monges copistas irlandeses, em particular, valorizavam profundamente essa prática, como destacado por Cahill em sua análise:

Não consideravam sua tarefa algo meramente mecânico. Ao contrário, envolviam-se com o texto a ser copiado, procuravam, dentro de suas limitações, compreendê-lo e, se possível, acrescentavam algo, beneficiavam o texto (1999, p. 181).

A dedicação à forma gráfica foi levada a um novo nível pelos copistas irlandeses medievais. Eles introduziram elementos de pontuação, espaçamento das palavras e sistemas especiais para abreviações, elevando a arte da caligrafia.

gués par Claude de Grandrue, 1514, 3 vols.1993.

Os copistas irlandeses eram reconhecidos por sua habilidade ímpar na arte da iluminura e decoração de manuscritos. Suas obras se destacavam pelas ornamentações intrincadas, padrões entrelaçados e cores vibrantes, demonstrando um talento singular. Além disso, frequentemente incorporavam elementos da arte celta em seus trabalhos, resultando em manuscritos ricamente decorados e altamente valorizados, e que consequentemente, se tornou uma influência para os copistas de toda Europa latina.

Para sermos mais precisos, com relação a arte dos manuscritos, citamos o manuscrito que talvez mais reflita o valor atribuído ao trabalho de preservação e proclamação da Palavra de Deus desenvolvidos por copistas irlandeses, a saber, o Livro de Kells²⁰, uma cópia artisticamente ornamentada dos quatro Evangelhos. Agora é um tesouro nacional, localizado no Trinity College, em Dublin. A magnífica arte de suas 680 páginas indica que seu propósito era ser a Bíblia do púlpito para um culto de adoração. Os estudiosos acreditam que o seu trabalho tenha sido iniciado no *scriptorium* de Iona e concluído na Abadia de Kells, no Condado de Meath, na Irlanda. A mudança para a Abadia de Kells foi motivada pela ameaça dos Vikings no final do século IX, que resultou no martírio dos monges em Iona²¹.

Considerando esses aspectos, é fascinante observar como os monges irlandeses se destacaram como verdadeiros “mestrescopistas” da cultura latina e grega. Através da meticulosa cópia

²⁰ O Livro de Kells também é conhecido como o “Grande Evangeliário de São Columba”. Para uma pesquisa sobre o Livro de Kells, ver: MEEHAN, Bernard. *The Book of Kells*. Thames & Hudson; Edição SLP. 2012.

²¹ Sobre a arte dos monges irlandeses na cópia e confecção dos manuscritos, ver: Calkins, Robert G. *Illuminated Books of the Middle Ages*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1983; De Hamel, Christopher. *Scribes and Illuminators*. London: British Museum Press, 1992; Pächt, Otto. *Book Illumination in the Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

de manuscritos e da transmissão de conhecimentos em diversas escolas monásticas irlandesas e por toda a Europa, esses monges se tornaram verdadeiros guardiões do patrimônio cultural da latinidade e do cristianismo. Enquanto nos séculos V e VI o restante da Europa latina enfrentava o declínio da cultura, a Irlanda se destacava como uma luz de preservação cultural, graças aos seus centros monásticos. De fato, a Irlanda se tornou um dos poucos lugares onde a cultura continuou a prosperar e ser promovida durante esse período de transição.

Não é de surpreender que a Irlanda tenha se tornado famosa como o berço de eruditos. De fato, é impossível falar sobre o renascimento cultural carolíngio sem reconhecer a significativa contribuição dos monges missionários irlandeses. Até mesmo Alcuíno de York († 804) enfatizou a grande erudição desses monges. Não é à toa que uma das mentes mais brilhantes da segunda geração da escola palatina carolíngia tenha sido Scotus Eriugena († 877), um irlandês²².

Não é de se estranhar que a Irlanda ficou conhecida como o lugar dos eruditos. Sendo assim não é possível pensar no renascimento cultural carolíngio sem perceber a contribuição dos monges missionários irlandeses, ainda mais que

²² Scotus Eriúgena, também conhecido como João Escoto Eriúgena, foi um teólogo, filósofo e erudito irlandês do século IX. Sua contribuição para a teologia e filosofia foi significativa, especialmente por sua tentativa de conciliar a tradição filosófica grega com o pensamento cristão. Isso porque, Eriúgena foi responsável por traduzir as obras atribuídas a Pseudo-Dionísio Areopagita para o latim. Essas traduções tiveram um impacto significativo no pensamento teológico e filosófico da época, especialmente no que diz respeito à mística e à compreensão da hierarquia celestial. A tradução das obras de Pseudo-Dionísio Areopagita por Eriúgena contribuiu para a disseminação do pensamento neoplatônico e místico na Europa medieval, influenciando pensadores posteriores e contribuindo para o desenvolvimento da teologia e filosofia cristãs. Recentemente foi traduzido para o português o I Livro do *Periphysen*, de Eriúgena: *Da Divisão da Natureza*. Trad. Gadotti, Tiago. Editora E Realizações, São Paulo, 2024.

o próprio Alcuíno de York († 804), sublinha a erudição dos monges irlandeses. Não é atoa que uma das mentes mais brilhantes da segunda geração da escola palatina carolíngia, tenha sido Scotus Eriugena († 877), um irlandês.

O que fica evidente com os fatos mencionados é que os monges missionários irlandeses combinaram espiritualidade, evangelização e cultura. A herança deixada por esses monges irlandeses é verdadeiramente inspiradora. Sua combinação única de piedade e fervor missionário atravessou os séculos, assim como o seu compromisso com a instrução cultural. Diferentemente de muitos, esses monges não se limitavam apenas à vida ascética ou à missão evangelizadora, mas encontravam o equilíbrio perfeito entre ambos.

Hoje, no Brasil, sentimos falta de homens e mulheres missionários que também possuam um profundo conhecimento cultural, compreendendo a importância da educação e das letras na propagação da fé. Os monges irlandeses nos deixaram um valioso ensinamento: é possível viver de forma piedosa sem negligenciar a formação intelectual. Que possamos nos inspirar neles para alcançar esse equilíbrio em nossa própria jornada de fé e conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, reafirmamos que numa época em que a fé cristã começava a se estabelecer na Irlanda medieval, os monges missionários desempenharam um papel crucial na influência e na disseminação dessa nova religião. Além de promover a fé cristã, esses monges também foram responsáveis por fortalecer aspectos culturais significativos no país. Os esforços missionários dos monges não se limitaram apenas à conversão do povo irlandês, mas também incluíram a fundação de mosteiros e centros de aprendizado que se tornaram verdadeiros pilares da cultura e educação na época.

Foi graças a esses monges missionários que a Irlanda viu florescer uma rica tradição literária em latim, preservando assim o conhecimento clássico e cristão. Além disso, eles desenvolveram o alfabeto Ogham, uma forma de escrita utilizada em inscrições em pedra que contribuiu para a preservação da língua e da tradição oral irlandesa. Os monges também se destacaram como copistas e iluminadores de manuscritos, criando verdadeiras obras de arte que preservaram tanto textos religiosos quanto obras seculares.

Os mosteiros fundados por esses monges missionários se tornaram verdadeiros centros de aprendizado, onde eruditos irlandeses produziram um legado cultural e intelectual impressionante. Através de seu trabalho incansável como copistas, educadores e promotores da cultura, esses monges foram essenciais na formação da identidade cultural e intelectual da Irlanda medieval. Suas contribuições não se limitaram apenas à propagação do cristianismo, mas também à preservação e promoção da rica herança cultural do país.

BIBLIOGRAFIA

BEDE. *The Ecclesiastical History of the English People. The Greater Chronicle Bde's Letter to Egbert*. Edited with an Introduction and notes by Judith McClure and Roger Collins. Oxford University Press. Reissued, 1999.

BURY, J. B. St. Patrick: *The life and legacy*. Editora DigiCat. Ebook, 2022.

CAHILL, Thomas. *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Trad. José Roberto O'Shea. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1999.

CARRUTHERS, Leo. *Reconstruire l'Europe: les missions monastiques dans les Iles Britanniques et le retour vers le Continent (Ve-Xe siècles)*. Bulletin des Anglicistes Médiévistes, Paris, 2017.

COLLINS, Michael. PRICE, Matthew A. *História do cristianismo. 2000 anos de fé*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2000.

FERGUSON, Everett. *História da Igreja: dos dias de Cristo à Pré-Reforma*. (vol. 1). Trad. Elias Silva, Friedrich Gustav, Giuliana Niedhardt, Gustavo Conde e Lucas Heiderick. Rio de Janeiro: 2017.

JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. (vol. 1). Trad. Cristina de Assis Serra. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2023.

LECLERCQ, Jean. *O amor às letras e o desejo de Deus. iniciação aos autores monásticos da Idade Média*. Trad. Mauricio Pagotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2012.

RAPETTI, Ana. *Storia del monachesimo medievale. Società editrice il Mulino*. Bologna. 2013.

SOUZA, Ney de. *História da Igreja*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

SCHERMAN, Katharine. *The Flowering of Ireland: Saints, Scholars, and Kings*. Editor Pequeno Brown &, 1981.

The Confession of St. Patrick and Letter to Coroticus. Translated and with notes by John Skinner. Prologue by John O'Donohue. Image Books. Nwe York. London. Toronto. Sydney. Auckland.1998